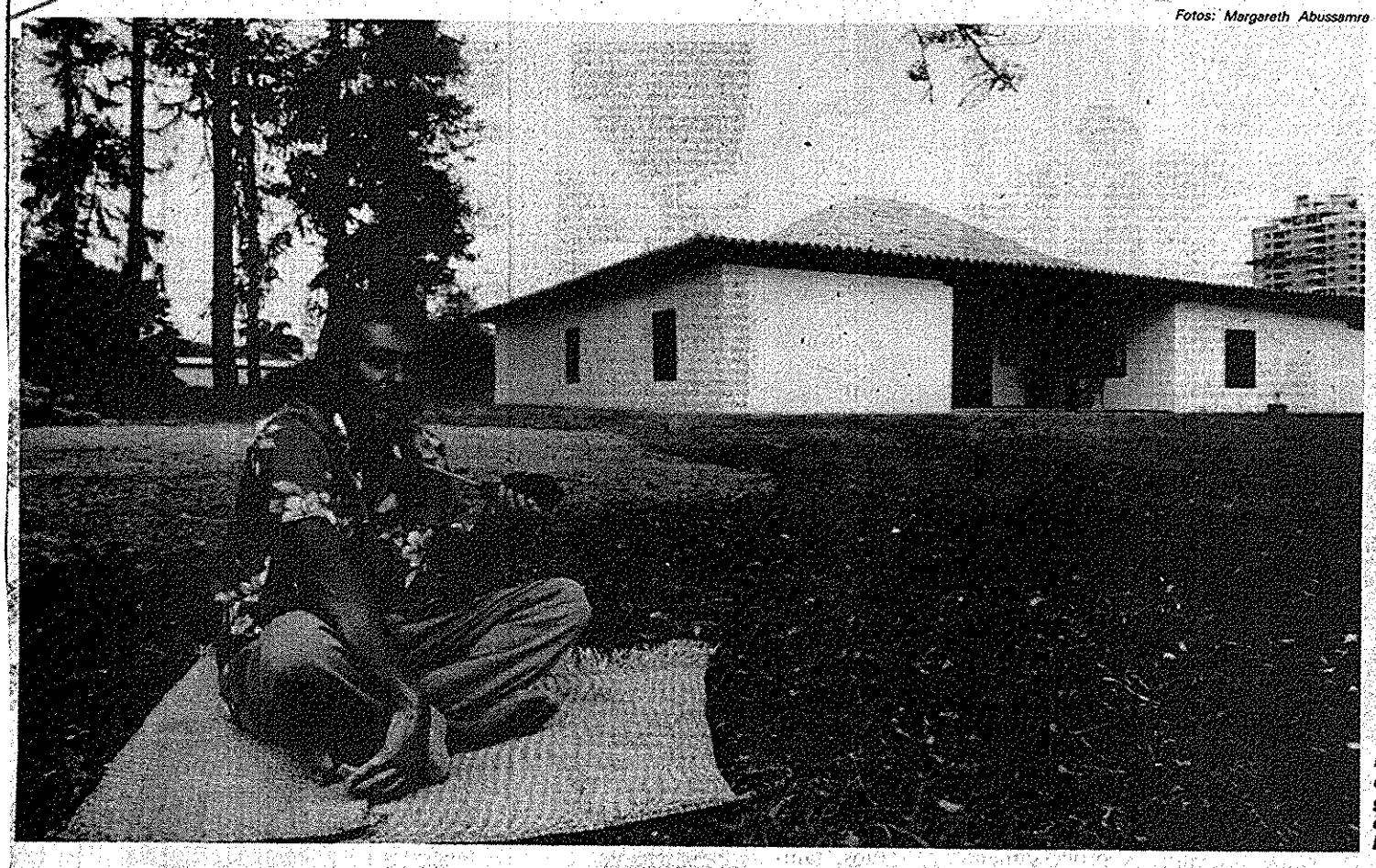
Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte Shopping News Class.: 646
Data 03/11/91 Pg.:

Sociedade

Intercâmbio junta índios e brancos

Fotos: Margareth Abussamra



Krenac: "Temos de tentar garantir a diversidade biológica."

Através do Centro de Estudos Indígenas, com sede em Goiânia, índios e pesquisadores estão colocando em prática projetos que unem a tradição e a tecnologia moderna, através da troca de experiências. Uma maneira de preservar a natureza e aumentar a quantidade de alimentos para a sociedade.

Guga Dórea

Unir duas forças aparentemente opostas em nome de um bem comum é uma espécie de pacto que governo, empresários e trabalhadores ainda não conseguiram colocar em prática. O exemplo está sendo dado por tribos indígenas - como Krenacs, Tucunas, Ianomamis e Suruís - e pesquisadores de universidades e institutos agronômicos que estão desenvolvendo pesquisas para a troca de experiências. Os resultados podem ser conhecidos na sede da Embaixada dos Povos da Floresta, na Praça Ênio Barbato, próxima à Avenida Francisco Morato.

A exposição "Tradição e Tecnologia" - que vai até março de 92 - reúne textos e fotos que mostram o pensamento tradicional indígena, além de produtos alimentícios fabricados pelas tribos, um dos resultados da pesquisa desenvolvida no Centro de Estudos Indígenas, inaugurado em 1989, em um sítio a 20 km do centro de Goiás.

Através de convênios com a Faculdade de Agronomia Luiz Antônio de Queiroz (USP), com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias) e com a Universidade Católica e Federal de Goiás, estão sendo desenvolvidas pesquisas com o objetivo de reflorestar terras indígenas (e regiões próximas) no cerrado e na Amazônia. O cerrado brasileiro - que representa 23% da área do País -, por exemplo, vive momentos de penúria por estar sendo exaurido por queimadas constantes, pelo processo de monocultura (em especial soja e milho), pela extensão das pastagens e exploração do carvão.

A idéia central das pesquisas é reverter esse processo e trazer de volta, a essas regiões, plantas e frutas nativas, respeitando a biodiversidade de áreas como Mato Grosso, Goiás, Rondônia e Amazônia. E depois preservá-las, via mecanismo sustentado. "Nosso povo nunca ficou muito tempo no mesmo lugar. Sempre que a terra começa a ficar cansada, mudamos a aldeia de lugar e começamos a fazer a cura da terra. Jogamos muitas sementes de frutas e árvores, que vão crescer e formar a mata de novo. Trinta anos depois, podemos voltar ao mesmo lugar e a terra vai estar completamente recuperada", diz Ailton Krenac, presidente da União das Nações Indígenas (UNI) e da Embaixada dos Povos da Floresta.

Método antigo

Esse método sempre foi utilizado pelas tribos indígenas. "Só nós sabemos quanto da mata deve ser derrubado, quantos e quais animais devem ser caçados para que a natureza não perca o seu equilíbrio. Só que agora não podemos deixar a terra descansar porque não há regiões em abundância onde o índio possa plantar. Por isso sentimos a necessidade de conhecer novas tecnologias."

O papel da Embrapa é ensinar essas tecnologias e treinar os índios para colocá-las em prática em suas aldeias. "Não iremos implantar projetos nas tribos indígenas. Pretendemos ensinar e acompanhar o trabalho feito por eles", afirma José Antônio da Silva, biólogo da Embrapa e coordenador do convênio firmado com os índios.

Índios aprendendo técnicas modernas de plantio. Intercâmbio.

Convivência entre índios e brancos: ambos podem aprender.

O primeiro passo, explica José Antônio, "é mostrar como se instala viveiros, começando pelo tamanho do recipiente para guardar as mudas, a profundidade de sementes e como se realiza a irrigação diária". A muda, diz o biólogo, fica aproximadamente um ano nos viveiros e só depois vai para o plantio já com 20 a 25 centímentos de altura.

Preservar a diversidade biológica também significa manter vivos animais silvestres como capivaras, catetos, queixadas. Além do reflorestamento de parte do cerrado e da Amazônia, o convênio firmado entre índios e pesquisadores pretende ainda atrair animais silvestres para as aldeias indígenas e regiões vizinhas.

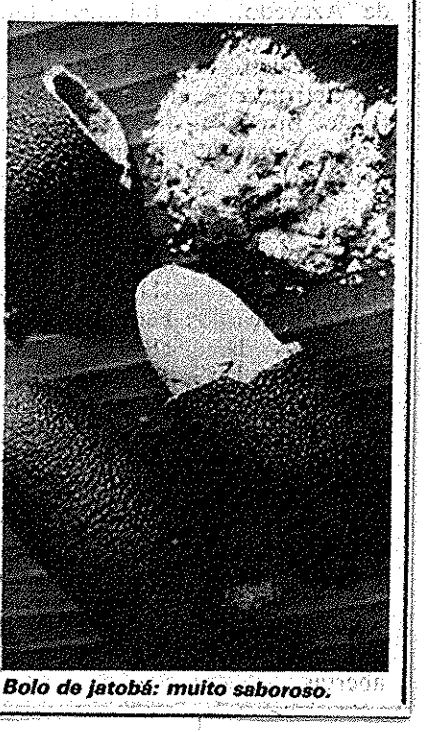
"Os bichos participam da cura da terra. Conhecem, cuidam das plantas e das frutas. Semeiam e adubam", dizem os índios. O pesquisador do Centro Interdepartamental de zootecnia e biologia de animais silvestres da USP, Sérgio Luiz Gama, que está coordenando os trabalhos com a tribo Xavante, explica: "As plantas naturais são associadas aos animais, fazem parte do mesmo equilíbrio ecológico. Os animais comem sementes e frutas. Quando defecam, as fezes servem de adubo, que vão promover a preservação da terra, sem a utilização de adubos químicos e agrotóxicos".

A maior preocupação dos índios, acentua Ailton Krenac, é recuperar sua dieta alimentar e produzir uma quantidade maior de produtos. Só depois, acrescentar valores econômicos a esses produtos e até comercializá-los. "Algumas tribos indígenas já estão pensando em exportar para a Europa. Entraram em contato até com a feira de produtos naturais da Alemanha", afirma o biólogo José Antônio da Silva.

Produtos nativos à disposição

Segundo o biólogo José Antônio da Silva, aproximadamente 40 espécies diferentes de frutos e plantas nativas podem ser consumidas pelos brasileiros. Entre elas está a mangaba, o jenipapo, o jatobá, o piqui, o baru, a ananás, o aracatun e o cajuzinho da Amazônia. Com essas frutas, podem ser produzidos sucos, sorvetes, geléias, doces, licores, farinha, e até produtos farmacêuticos como cosméticos, cremes para a pele, hidratantes e perfumes.

Algumas leguminosas, como o feijão-gandú, servem também para fixar nutrientes e matérias orgânicas no solo. Sem a utilização de adubos químicos e agrotóxicos, afirma Krenac, "o solo volta a responder com a mesma intensidade".



Bolo de jatobá: muito saboroso.